

# A UNIVERSIDADE: COMPROMISSO COM A EXCELÊNCIA E INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO

*Sálvio de Figueiredo Teixeira\**

**Sumário:** 1. Saudação; 2. O sistema educacional brasileiro e a evolução do ensino superior no país; 3. A postura do educador e do universitário; 4. Os objetivos da Universidade; 5. A missão e os compromissos da Universidade no mundo contemporâneo; 6. Notas; 7. Abstract.

## 1. SAUDAÇÃO

Ao comparecer a esta Casa, que presta homenagem e serviços à educação em nosso País, para proferir esta "Aula Magna" na inauguração do seu novo *campus* universitário, nesta bela e histórica cidade do Recife, além de agradecer ao honroso convite e saudar a presença de tantas pessoas gradas, desejo assinalar, antes de mais nada, o quanto me envaidece aqui estar, neste Estado de tão profundas e ricas tradições, notadamente no plano cultural, de que é exemplo esse admirável **Gilberto Freire**, cujo centenário de nascimento o País orgulhoso comemora, nesta semana, e cuja obra tanto tem a ver com a formação da cultura brasileira.

Como educador e aprendiz, e sob tais sentimentos e emoções, sinto-me em casa, neste convívio agradável e estimulante com a Universidade pernambucana, com o universitário que a frequenta e justifica e com os seus prestigiosos e qualificados docentes.

\* Ministro do Superior Tribunal de Justiça e Professor universitário. Recife, 13.3.2000.

## 2. O SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO E A EVOLUÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO PAÍS

Após citar **Alceu Amoroso Lima**, para quem "a Universidade tem suas raízes na própria natureza dos homens e das coisas", aduzia, em 1977, o Professor **Marco Maciel**, atualmente Vice-Presidente da República, que a evolução da cultura é fenômeno resultante da própria evolução dos grupos sociais, impondo-se o sistema universitário como instrumento adequado à elaboração e difusão de conhecimentos e técnicas que as sociedades exigem para a realização de seus objetivos<sup>1</sup>.

No caso brasileiro, porém, segundo **Anísio Teixeira**, há de se atentar para a circunstância de que

..."a descoberta da América, pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura européia para este Continente. Tal empreendimento constituiu, porém, uma aventura impregnada de duplicidade. Proclamavam os europeus aqui chegarem para expandir nestas plagas o cristianismo, mas, na realidade, movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história desses dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental."<sup>2</sup>

A vida do recém-descoberto Continente foi assim, aduziu o saudoso educador, justificadamente um dos ícones da educação no Brasil, "desde o começo, marcada por essa duplicidade fundamental: jesuítas e bandeirantes; fé e império; religião e ouro".

Na mesma linha, observa também o Prof. **Belém Teixeira**, nos anos cinquenta, que

..."os problemas educacionais brasileiros não são de natureza apenas pedagógica, mas implicam a participação de todos os grandes complexos culturais que estão na base de nossa formação: são igualmente históricos, econômicos e políticos, e cada uma dessas perspectivas

deve ser considerada detidamente, referida ao conjunto, se quisermos iluminar, com a verdade, a face do problema pedagógico.”<sup>3</sup>

Nesse contexto, chegou a educação até nós.

Com avanços e retrocessos tem sido a evolução do nosso sistema educacional. E não tem sido diferente em relação ao ensino superior, que, no País, se implantou com atraso bem maior e de forma marcadamente lenta.

Embora a Universidade de Bolonha, a mais antiga de quantas se conhece, já conte com mais de 900 (novecentos) anos, a experiência universitária brasileira ainda é muito jovem. E ainda estamos a formular o modelo que mais se adapte às nossas origens, ao nosso meio, à nossa cultura e às necessidades da nossa gente.

Durante o período de Colônia, muitas eram as restrições da Corte portuguesa a entrar o nosso desenvolvimento na área educacional. Não se estimulava o ensino profissional e nem o surgimento de escolas e instituições culturais.

No Império e na Primeira República, por sua vez, sem embargo do surgimento das nossas primeiras escolas de cunho profissionalizante, a exemplo das Escolas de Direito, Engenharia e Medicina, e não obstante o valor cultural das missões estrangeiras que aqui chegaram, trazendo cientistas e artistas, pequena, na realidade, foi a contribuição para a formatação de um modelo cultural brasileiro.

A pesquisa científica e social e o estreitamento de vínculo do ensino superior com o sistema educacional somente tiveram início com a criação das nossas primeiras Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras.

A reforma universitária e o crescimento numérico do sistema de ensino superior marcaram, segundo os especialistas, a década de sessenta, evolução que teve seqüência com a adoção de um novo modelo, decorrente da criação da Universidade de Brasília.

Nessa fase, expandiu-se também o setor privado do ensino superior, mas sempre com a assistência pública. E optou-se pelo modelo norte-americano, calcado em “ensino, pesquisa e extensão”.

Na década seguinte, surgiram os cursos de pós-graduação, tendo sido incentivadas as atividades ligadas ao desenvolvimento científico e tecnológico, sendo de notar-se que atualmente há um novo surto de valorização e acesso aos cursos de doutorado, mestrado e especialização, à pós-graduação *lato sensu*.

A todos esses fatores, acresça-se a circunstância de o País, a partir de 1964, ter imergido em um regime ditatorial, em manifesto prejuízo no campo das liberdades públicas e individuais, sabidamente nocivo ao avanço da cultura.

Em síntese, poder-se-ia dizer com o ilustre Prof. **Cavalcanti de Albuquerque** que a implantação do ensino superior no Brasil

...“foi e tem sido uma luta, uma conquista social: o ensino superior tem sido apresentado e visualizado, em primeiro lugar, como uma esperança de afirmação de afirmação cultural; em segundo lugar, como uma das alternativas para o país superar dependências em relação ao exterior e como opção para as regiões e os Estados superarem atrasos relativos. E, em terceiro lugar, é ele considerado via de desenvolvimento econômico e social, pois, através do ensino superior, pode-se elevar a produtividade da mão-de-obra, diversificar a qualificação profissional, fomentar a invocação em todos os sentidos e principalmente distribuir a renda entre os benefícios do crescimento.”<sup>4</sup>

### 3. A POSTURA DO EDUCADOR E DO UNIVERSITÁRIO

Não se nega que muito se tem feito pela educação no Brasil. Estatísticas recentes, noticiando o incremento da permanência do escolar em sala de aula, são motivo de satisfação. O acesso à Universidade, sem dúvida, aumentou. Daqui mesmo, de Recife, quantas vocações não precisavam se encaminhar a Coimbra para adquirir o grau universitário antes da criação dos primeiros cursos jurídicos no Brasil. Hoje praticamente não há quem deixe de estudar por falta de oportunidades. Há dificuldades e sacrifícios, sim. Mas estes fazem parte da existência.

Igualmente certo é, no entanto, que, se muito tem-se feito pela educação, no Brasil, muito ainda resta por se fazer.

O salto quantitativo é mensurável pelos dados estatísticos. O salto qualitativo, entretanto, está vinculado ao esforço de cada um. Todos estamos sendo conclamados a esse esforço nacional voltado ao aprimoramento do aprendizado.

E, talvez, melhor fosse dizer aprendizado, em lugar de ensino, considerando que a cada dia mais se fortalece a certeza de que, mais que transmissão de conhecimentos, o que efetivamente há é um empenho concentrado no aprender.

Aprende-se de muitas formas. Hoje a disseminação das informações e a possibilidade de comunicação a tempo real faz descortinar um universo de conhecimento a que nossos antepassados nunca tiveram acesso. Basta um computador pessoal e uma senha para a navegação na *Internet*, até com dispensa dos provedores. Bancos de dados, empresas e outros organismos disponibilizam essa vasta rede mundial de informações a qualquer interessado.

Diante desse potencial enorme de informações, seria até de se indagar se faz sentido destacar-se aulas prelecionais, expositivas e tradicionais quando a fonte do conhecimento está disponibilizada a qualquer pessoa dotada de um mínimo de curiosidade.

Há, em suma, de se repensar o papel do educador. A transmissão dele reclamada já não se centra no repositório do conhecimento técnico, senão na experiência de vida. O educador há de ser, sobretudo, um estimulador, para que o estudante saiba não só se valer do conteúdo de informações postas à sua disposição, mas, também, selecionar, dentre elas, as mais úteis, uma vez que a multiplicação de informações, como se tem alertado, pode até ser prejudicial à inexperiência da juventude.

Muito mais importante ainda será a capacidade de o educador transmitir emoção e caráter. Essa, a sua missão primeira e mais relevante, quando se sabe que a estrutura do nosso conhecimento clássico está alicerçada na razão. Nós, os educadores, em regra, somos formados e continuamos fiéis aos esquemas do racionalismo. Precisamos descobrir agora a "epistemologia da existência", o existir como condição para ver o mundo, que inclui, em primeiro lugar, a emoção, a cultura do coração. Porque, se a razão reduz a força de

descobrir, é a emoção que nos leva a ser originais.

O cultivo da emoção é um trabalho conjunto dos estudantes e dos mestres. Estes dependem da empatia dos alunos para uma entrega plena à tarefa de aprender junto, que é aquilo em que consiste o magistério universitário, quando se sabe que a Universidade é o lugar da proposição do novo, a instância de onde poderá provir a alternativa mais adequada ao tratamento das grandes questões que nos motivam, e inquietam. Nessa linha, aliás, como assinalado pela Professora **Clélia Capanema**, a ênfase dada na "Declaração mundial sobre o ensino superior para o século XXI", síntese da "Conferência mundial", realizada de 5 a 9 de outubro de 1998, em Paris, sob o patrocínio da UNESCO, a pregar investimento na qualidade do ensino e na geração de conhecimentos novos<sup>5</sup>.

Há um mundo aberto à transformação. O Brasil precisa retomar o ritmo do seu desenvolvimento educacional, para se colocar ao lado das grandes civilizações. E dispõe de todos os requisitos essenciais a esse projeto: população jovem e criativa; tradição de solidariedade; uma língua comum. A diversidade a inspirar a convivência de muitas etnias, todas harmonicamente na partilha do mesmo solo fértil, generoso e extenso. Nação alguma do mundo ostenta biodiversidade como a nossa, e tantos mananciais de água, extraordinária riqueza natural.

Esse, o caminho a ser trilhado agora pela Universidade brasileira. A quantidade está sendo atingida, embora ainda admita maior crescimento, pois a oferta precisa acompanhar a demanda por educação. A qualidade, todavia, depende do empenho pessoal de cada educador e de cada estudante.

Daí as colocações hauridas na lucidez de **José Renato Nalini**, educador dos mais talentosos sob a ótica da contemporaneidade, ao dizer sobre o que se exige do educador e do universitário brasileiros.

O que se reclama do primeiro?

Paixão pelo processo educacional, pois não se consegue fazer entender aquele que encara a missão de ensinar como algo burocrático, despido de entusiasmo, transmissão formal de algumas verdades estabelecidas, desempenho de emprego ou mera forma de subsistência.

Renovação permanente, dado que a atualização é a regra de ouro para o educador, que precisa manter acesa e com a mesma intensidade a chama de educar. Tornar cada aula a mais interessante, a mais atraente, a mais apaixonante possível.

Consciência de forja, quando se sabe que o educador não é intelectual socialmente descomprometido, mas à sua responsabilidade é confiado o mais valioso capital brasileiro: o futuro da juventude. Juventude que precisa ser forjada ao exercício da cidadania com dignidade.

Cidadania é o direito a ter direitos, na clássica lição de **Hannah Arendt**. Caráter é o espelho da grandeza do homem. Integra um sistema de valores que agrega a lealdade, o compromisso, a ajuda mútua, o companheirismo, a confiança, a inteireza de propósitos, no dizer de **Gaudêncio Torquato**.

É reforçando o caráter que se prepara a Nação para o enfrentamento da globalização. Nações mais ricas e desenvolvidas não conseguem debelar a violência que se propaga nas escolas, ceifando vidas e impregnando jovens cada vez mais novos. O Brasil tem condições de mostrar uma vida estudantil em que o companheirismo, o esporte, os torneios cívicos e as maratonas, as gincanas e os bailes, ocupem com vantagem esse lugar trágico da violência gratuita.

Outros países não conseguiram superar as barreiras raciais e os conflitos persistem qual chaga insuscetível de cicatrização. O Brasil tem condições de ensinar ao mundo que a diferença torna mais atraente o convívio e que a miscigenação é uma receita deliciosa.

A mocidade, desperta para uma participação ativa na resolução dos problemas brasileiros, não encontrará óbices ao exercício de uma criatividade conseqüente. Todos irmanados, encontrarão o justo equilíbrio entre a competitividade e a partilha, entre a auto-realização e o estímulo ao crescimento alheio, entre o desenvolvimento sustentado e a preservação do patrimônio ambiental.

A riqueza interior do brasileiro reflete-se em sua música, em sua poesia, em sua alegria e em sua criatividade, valores incomensuráveis no mundo contemporâneo. Basta verificar a transmigração das grandes fortunas nas últimas décadas. Deixaram a produção material e encontraram pouso naqueles que criaram alternativas novas no mundo das comunicações. Neste ponto, o

brasileiro encontra alternativas que os mais racionais, de intelecto fabricado ao sabor das velhas concepções, não chegam a vislumbrar.

E o que se espera do universitário?

Consciência universitária, uma vez que a parcela dos privilegiados que alcança os bancos da Universidade tem um compromisso com aqueles que ficaram à beira do caminho.

É saudável compenetrar-se de que de cada um de nós muito se espera, pois, a cada um de nós, muito foi confiado, em sofrimento, recursos e esperanças.

Participação, na medida em que a Pátria é uma construção diuturna, a cada dia subtraída pelas defecções, omissões, descaso ou desalento, mas, também, das ações positivas individuais e coletivas. Cada gesto positivo acrescenta um saldo à sua edificação.

Cobrança, porque o envolvimento em um projeto nacional legitima o estudante a cobrar de seus dirigentes uma postura compatível com as exigências da nacionalidade.

Hoje é mais fácil cobrar dos homens públicos a fidelidade aos seus compromissos. Todos têm acesso ao *e-mail*, gratuito e disponível, e as mensagens desses formadores de opinião calam fundo dentre os que diariamente cronometram o consentimento da população às suas condutas. A seção de cartas ao leitor dos principais jornais, a utilização de abaixo-assinados, os telegramas, as mensagens individuais, fazem pensar melhor o legislador, o detentor de cargo executivo e, até mesmo, o juiz.

#### 4. OS OBJETIVOS DA UNIVERSIDADE

O Prof. **Caio Tácito**, em conferência proferida em Minas Gerais, nos anos setenta, após destacar que, em todos os tempos, nunca foi a Universidade apenas um organismo voltado à formação profissional de nível superior, missão imediata e quotidiana, porque dela depende basicamente o acesso a um estágio superior da sociedade, alertou para o papel essencial das elites universitárias na revisão e difusão dos valores culturais. E assim esquematizou suas quatro finalidades fundamentais:

- a) "a prestação do ensino superior, visando a oferecer as habilitações legais necessárias ao exercício das profissões;
- b) a pesquisa científica com o duplo objetivo de integração no processo didático e ainda de busca e domínio do conhecimento científico (ciência pura);
- c) a prestação de serviços à comunidade e às atividades produtivas (ciência aplicada);
- d) a formação de elites dirigentes e a avaliação dos problemas nacionais e regionais, através da difusão e ampliação da cultura."<sup>6</sup>

## 5. A MISSÃO E OS COMPROMISSOS DA UNIVERSIDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

As comemorações alusivas aos quinhentos anos do nosso descobrimento, assim como as transformações decorrentes da mudança de século e milênio, estão a nos induzir a uma reflexão mais aprofundada a propósito do mundo em que vivemos, do estágio atual da civilização humana, das instituições que nos governam e dos valores que nos regem.

Vive-se uma nova era, em uma sociedade competitiva, exigente e veloz, de mudanças significativas, talvez por isso mesmo, geradora de crises que se multiplicam: crises de governo, de Estado, de segurança, de habitação, saúde, moralidade, educação. Aí estão as guerras, a violência, a fome, o desemprego, a miséria, as drogas, o analfabetismo, a infância desprotegida e outros males que estão a povoar o nosso cotidiano. Mas, paralelamente a tais indicadores, vive-se também um mundo sem precedentes em termos de conquistas científicas e tecnológicas. A espantar-nos, pelos seus avanços, temos o *laser*, o DNA, a engenharia genética, as pílulas do homem e da mulher, a informática e seus computadores, os satélites artificiais, o rádio, a televisão e os variados aparelhos eletrônicos de última geração, os meios de comunicação e de transporte cada vez mais eficientes, rápidos e seguros.

É um formidável mundo novo, muito mais sedutor que o idealizado por **Huxley** e bem diferente do descrito pelos profetas da futurologia, um mundo construído pelos gênios e milhares de

anônimos, pelos que lutam pelos direitos fundamentais da cidadania, pelos direitos humanos de primeira, segunda e terceira geração. Os primeiros, de resistência às agressões do Estado-Poder, direitos à liberdade. Os segundos, de cunho predominantemente social, igualitário, para exigir prestações positivas do Estado-Governo, dentre os quais o direito à educação<sup>7</sup>. Os terceiros, direitos a uma melhor qualidade de vida, ao meio-ambiente saudável, ao direito de ser feliz.<sup>8</sup>

Nesta moldura, de carências e conquistas, cabe à educação e, sobretudo, à Universidade, como ponto culminante da pirâmide do sistema dos seus valores, indicar os rumos da transformação social e do progresso da civilização, quando se recorda que o sistema educacional de um povo é o reflexo mais nítido do estágio histórico em que vive a comunidade, espelhando o ideal de homem projetado por essa sociedade.

Se quisermos, e este é o apelo que nos desafia, juntos poderemos realizar este que, mais que uma utopia, é o sonho de todos nós: um mundo sem tantas desigualdades sociais e agressões, um mundo de paz, mais justo, solidário e feliz.

Sendo a Universidade a instância do novo, o centro de cultura por excelência e a alavanca para o desenvolvimento, mais do que qualquer instituição, é ela o instrumento maior para a transformação da sociedade e a construção desse novo mundo.

Daí a razão para acreditarmos que esta Universidade, ao instalar o seu novo *campus* neste fecundo e denso relicário cultural que é o Recife, berço de tantos fatos históricos e heróicos da gente brasileira, além das suas aspirações de crescimento quantitativo, acolha em seu ideário, também, o compromisso com a excelência do ensino superior no País e com a transformação da sociedade brasileira.

Que Deus a ilumine nessa direção.

## 6. NOTAS

1. *A Universidade e o aperfeiçoamento democrático, in As grandes diretrizes da Universidade brasileira*, Belo Horizonte: UFMG, 1977.

2. *Valores proclamados e reais nas instituições escolares brasileiras, in Educação no Brasil – textos selecionados*, Brasília: MEC, 1976.
3. *Apud José Israel Vargas, Universidade, ciência e educação*, Belo Horizonte: UFMG, 1988.
4. *A inserção da Universidade na realidade brasileira*, Belo Horizonte: UFMG, 1977.
5. Já no seu preâmbulo, essa “Declaração” além de ressaltar o direito de todos à educação, com suporte inclusive na *Declaração universal dos direitos do homem* (art. 26), destacar os valores da ética e do rigor científico e intelectual e recomendar que os estabelecimentos de ensino superior deveriam definir sua missão em conformidade com as necessidades presentes e futuras da sociedade, assinala a demanda atual, sem precedente, no domínio do ensino superior, a desempenhar papel vital no desenvolvimento sócio-cultural e econômico no século XXI ([www.unesco.org/education/](http://www.unesco.org/education/))
6. *A estrutura da Universidade e as exigências do meio brasileiro*, Belo Horizonte: UFMG, 1977.
7. Como registrou, com aguda percepção, a Professora Mônica Jacqueline Sifuentes, em tese acadêmica, recorrendo à idéia matriz da “Paidéia” grega, “o direito à educação passou a ser mensurado como um valor de cidadania e de dignidade da pessoa humana, itens essenciais ao Estado Democrático de Direito”.

## 7. ABSTRACT

With the authority of a university professor and of a Justice at the Superior Court of Justice, the author makes an accurate study of such a delicate issue that is the highest level education in Brazil. He analyses the educational system and the attitude of the university professor to deeply revisit the goals and commitments of the University in the contemporary world. In the text of the Inaugural Lecture, here reproduced, propugnes for the excellence of the highest level education, defining the University as the instance of the new, the center of culture for excellence and the trigger for development.